LABORATÓRIO DE NARRATIVAS CRIATIVAS

(Escola Nacional de Saúde Pública)

A oficina é organizada em dois momentos: 1) teórico-conceitual e 2) prático. São propostos cinco encontros semanais de 4 horas/aula, nos dias 18/01, 25/01, 01/02, 08/02 e 15/02/2023, com carga horária total de 20 horas/aulas, pela manhã, das 9 até 13h.

EMENTA

Não esqueça sua linhagem, não se encolha. Não se dobre, não mude sua língua por ninguém. Sempre que você esquecer quem você é, lembre-se da história que herdou. Agora, fale!
Ijeoma Umebinyuo

Quando escrevemos um texto, de qualquer natureza (científico, acadêmico, literário, etc.), e/ou quando contamos uma história, colocamos nela a nossa própria voz. Escrevemos melhor na medida em que tomamos consciência disso. Não à toa, uma das grandes falácias da produção científica ocidental é a crença de que é possível fazer uma produção neutra, desconectada de quem a escreve/cria. Neutro é sabonete, *shampoo*, detergente… Monografias, teses, dissertações, relatórios, estatutos, leis, códigos normativos, contos, reportagens: são outra coisa! Todo discurso é tecido a partir de uma intencionalidade, de sujeitos/as que fazem escolhas políticas, perpassadas por diversas dimensões: de onde se fala, o que se fala e como se fala.

Em um texto é possível, ainda, associar várias dimensões, imprescindíveis a uma boa escrita e leitura, tais como: a política, a poética, a criativa, a sensorial, a terapêutica, dentre outras. Vamos abordar formas diferentes de como esses aspectos podem ser combinados nas produções escritas deste curso. Tendo em vista que, a prática textual é interdisciplinar, eivada de poesia, de política e de história, ou seja, uma poderosa arte. Intimamente conectada ao que somos, sentimos, pensamos e desejamos. E onde os

entraves e os bloqueios, muitas vezes, estão conectados às violências estruturais da sociedade em que vivemos, na própria forma como a escrita, a leitura e a produção intelectual são definidas, a partir de concepções racistas, misóginas e excludentes. E/ou a nossa própria dificuldade de acessar nossas emoções, traumas e potenciais, que a escrita traz deliberadamente à tona. A escritora afro-caribenha, Audre Lorde, reforça em seus escritos que não podemos separar a nossa escrita da nossa vivência: "Se eu não trouxer tudo o que sou ao que estiver fazendo, então não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência. Se não trago tudo o que sou para vocês, aqui falando o que sinto, sobre o que sei, então cometo uma injustiça" (LORDE, 2020, p. 106).

Nesse Laboratório de Narrativas Criativas escreveremos páginas carregadas de lágrimas, de pausas, de gostos, de sustos, de retomadas, de profundidades, de cheiros, de gritos, de lutos e de gozos, em encontros de escrita criativa, autobiográfica e afetiva. Esse é o espaço onde caberá partilhar nossas "escrevivências", ou seja, a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida das mulheres e homens comuns, nossas mães, nossos avós, nossas irmãs, nossos amigos, companheiros de trabalho e luta. Para tal faremos leituras provocativas de textos acadêmicos e literários, de letras de música, de obras de arte e também evocaremos a oralidade como recurso fundamental para ser um bom escritor, uma boa escritora. Oralidade e escrita não são movimentos antagônicos, mas complementares, essa é uma das principais premissas deste curso.

Assim, pretendemos incentivar: o gosto pela leitura e pela escrita, através de outras propostas de ler, escrever, aprender, ensinar e criar; a busca pelo autoconhecimento por meio da produção literária; o conhecimento de uma literatura plural e diversa, incluindo referências negras, femininas, LGBTQIA+ e periféricas; e o fortalecimento de memórias e vozes, historicamente desprezadas. Mesclando aulas teóricas, exercícios de escrita criativa individual e coletiva, será possível relacionar tópicos das trajetórias individuais das/os participantes à história política e social de nosso tempo.

Em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, livro da escritora Grada Kilomba, lançado há mais de dez anos, mas que só foi recentemente traduzido para o português, a autora traz a definição da intelectual bell hooks sobre sujeito e objeto e a importância da escrita como ferramenta de subversão das lógicas coloniais, ao possibilitar legitimar/criar novas narrativas e histórias, tornando-se, portanto, um ato político:

> Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de *tornar-se* e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou (KILOMBA, 2019, p. 28).

Escrita é corpo. Nesse movimento, escapam de nossos dedos no teclado do computador, nos livros e textos que sublinhamos e nos papéis, muitas emoções, reflexões, memórias, perguntas e soluções. Contrariando a *magia branca* da academia da falácia de uma escrita neutra, já mencionada, e do distanciamento com os objetos de pesquisa (quase sempre representados por gente, pessoas em movimento, com seus comportamentos afetados pela nossa presença e pelas nossas perguntas enquanto pesquisadoras/es na universidade, por exemplo), proponho uma forma de escrita onde podemos nos sentir completos/as e inteiros/as com o que será possível extrair e externar. Não sem erros, falhas, contradições e dilemas. A escritora Leda Maria Martins diz algo que me emociona profundamente:

> [...] em uma das línguas bantu do Congo, o mesmo verbo, *tanga*, designa os atos de escrever e de dançar, de cuja raiz deriva-se, ainda, o substantivo *ntangu*, uma das designações do tempo, uma correlação plurisignificativa, insinuando que a memória dos saberes inscreve-se, sem ilusórias hierarquias, tanto na letra caligrafada no papel, quanto no corpo em performance. Nessa perspectiva podemos pensar, afinal, que não existem culturas ágrafas, pois nem todas as sociedades confinam seus saberes apenas em livros, arquivos, museus e bibliotecas, mas resguardam, nutrem e veiculam seus repertórios em outros ambientes de memória, suas práticas performáticas (MARTINS, 2003, p. 77-78).

Importante ressaltar que dissecar o processo de escrita não é apenas refletir e exercitar sobre o que queremos dizer ao mundo, mas também sobre as escolhas do não dito. Um bom texto recolhe em si muitas vozes e também dezenas de silêncios, seja para incitar a curiosidade e gerar pontos de adrenalina/tensão, estrategicamente pensados pela/o autor/a, ou porque nem tudo convém ser dito em uma escolha política, que atravessa as linhas tênues da exposição/proteção.

Ademais, é necessário produzir e conhecer as nossas narrativas e a nossa versão feminina e afro-indígena da História, ignorada pelos veículos hegemônicos. Existe uma fome coletiva pelo conhecimento das nossas trajetórias: as múltiplas histórias que os relatos oficiais não contam. A literatura é um campo estratégico na luta contra as

opressões que vivemos, sejam elas de raça, classe, gênero ou sexualidade, pois elabora um imaginário social. O cenário que temos hoje no Brasil é de uma produção e projeção masculina e branca, por isso, defendemos que esse contexto seja complexificado e ampliado, o que inclui as perspectivas: femininas, negras, periféricas e marginais. Para além do estímulo à crítica, reflexão e escrita, a oficina também contribui para a auto estima, o autoconhecimento e a potencialização das pessoas envolvidas. Cria-se um espaço para o exercício do "cuidado de si" que se expande no cuidado coletivo.

Durante séculos, mulheres negras tiveram seu poder de fala e escrita invisibilizados, e o que não nos faltam são exemplos disso. Um deles é Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira, autora de Úrsula. Ela nunca esteve citada entre os cânones. A própria Carolina Maria de Jesus, ainda hoje, mesmo com a produção traduzida em dezenas de países estrangeiros, não é vista como escritora por não escrever de acordo com a chamada “norma culta da língua portuguesa”. Geni Guimarães com a obra *A cor da Ternura*, recebeu o prêmio Adolfo Aizen, em 1992, pela Academia Brasileira de Letras e o *prêmio Jabuti* em 1990, mas nem por isso foi colocada entre os cânones. Entretanto, mais importante do que o aval desses meios institucionais, é que a população brasileira tenha acesso à produção dessas mulheres. É essencial que as pessoas negras, indígenas, periféricas conheçam outra forma de escrita e outras histórias que não aprenderam na escola, e possam perceber a potencialidade do seu povo e das suas próprias vidas

Há algumas décadas, desde meados dos anos 60 e 70, uma geração de mulheres negras tem revolucionado a literatura brasileira. A potência da literatura preta tem refutado anos e anos de mentira que colocaram a escrita como ofício de um grupo seleto de intelectuais “iluminados” e diferenciados dos demais – nós, reles mortais. A escrita também é coisa nossa, assim como a oralidade, e importa muito falar sobre nossas vidas em múltiplas linhas. Sobrevivemos através das histórias que contamos, das memórias que escrevemos, das marcas dos passos que damos pelo mundo. E somos capazes de viver, falar e escrever por e sobre nós mesmas/os.

OBJETIVOS

- Criar uma relação de prazer, identificação e intimidade com a escrita, a oralidade e a leitura;

- Acolher, ouvir e incentivar as pessoas presentes a escreverem e partilharem histórias, partindo das suas próprias trajetórias;

- Potencializar as/os participantes para estímulo da confiança intelectual, que muitas vezes é negada em espaços de educação formal;

- Ampliar o acesso a uma bibliografia escrita por mulheres, pessoas negras, pessoas LGBTQIA+ e periféricas;

- Ampliar as formas, os métodos, de escrita e leitura;

- Incentivar a construção de narrativas de qualquer natureza como instrumento de autoconhecimento, transformação, cura e disputa política de representatividade e memória.

METODOLOGIA

Por meio de atividades dinâmicas, que envolvem exercícios corporais e técnicos de escrita criativa, leituras de textos e diálogos, esses encontros estimulam a escrita, a leitura, o autoconhecimento e a fala. A prática da escrita é estimulada a partir de aulas teóricas e de um repertório vasto de escritoras e livros. Também é incentivada a leitura pública (opcional) das produções textuais realizadas no curso para juntas/os compreendermos os entraves coletivos – em escrita e leitura - e também partilhar estratégias coletivas para superá-los.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir da participação nos debates realizados e do engajamento nos exercícios do curso, que tem como proposta a escrita e a leitura de textos em formatos diversos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106. Acesso em: 10 fev. 2021.

ARAÚJO, Bárbara. Conceição Evaristo: literatura e consciência negra. *Blogueiras Feministas*, 22 nov. 2011: https://blogueirasfeministas.com/2011/11/22/conceicao-evaristo/

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

KILOMBA, G. *Memorias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019a.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LORDE, A. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LORDE, A. *Sou sua irmã: escritos reunidos e inéditos*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MARTINS, L. M. *Afrografias da Memória*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras (Santa Maria). *Santa Maria*, v, 25, p. 55-71, 2003.

PINTO, V. Professora Valdina Pinto "MAKOTA": feitiço, cura. 2018. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal TPSM. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rHPDMBOH0bc. Acesso em: 20 ago. 2021

ROCHA, C. "A culpa é do diabo": as políticas de existência na encruzilhada entre neopentecostalismo, varejo de drogas lícitas e terreiros em favelas do Rio de Janeiro / Carolina Rocha Silva. – 2021. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

SANTANA, B. *Inovação ancestral de mulheres negras: táticas e políticas do cotidiano*. São Paulo: Imantra Comunicação, 2019.

SANTOS, A. B. dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: *INCTI/UnB*, 2015.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea.* Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018).

SILVA, José Marmo da. CASTRO, Lúcia Maria Xavier de. ROCHA, Carolina. *Negras Histórias: mulheres em luta pela arte e pela vida.* Rio de Janeiro: 2019.

SOBRE A PROFESSORA

Carolina Rocha (ativista, escritora, professora e historiadora). É mestre em história pela Universidade Federal Fluminense. Doutora em sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – IESP/UERJ. Autora do livro: "O Sabá do Sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí Colonial", pela Paco Editorial, 2015. Seus temas de pesquisa versam em torno das relações étnico raciais no Brasil, estudos de gênero, religiosidade e violência no espaço urbano. Publicou nas coletâneas: "Lâmina" (Arte Sabali, 2018); "Inovação Ancestral de Mulheres Negras" (Oralituras, 2019); "Ser Prazeres: transbordações eróticas de mulheres negras" (Oralituras, 2020); "Elas e as letras: insubmissão ancestral" (In-Finita, 2021); Cadernos Negros volume 43, Poesia (Quilombhoje, 2021); O Livro Negro dos Sentidos (Mórula Editorial, 2021) e é coorganizadora do e-book Laboratório de Narrativas Femininas (Sesc RJ, 2022). Idealizadora da Ataré Palavra Terapia, uma comunidade de incentivo à escrita criativa, política e terapêutica. Faz publicação de textos autorais na página Dandara Suburbana. Recentemente esteve com a ONG Cinema Nosso fazendo a formação em memória, oralidade, escrita e ancestralidade para jovens negras produtoras de conteúdo audiovisual. Já participou de diversos programas de TV. Fez a pesquisa de participantes da última edição do programa Cineclube Futura e a pesquisa de roteiro para o filme Caminhos Afrodiaspóricos pelo Recôncavo da Guanabara, lançado no Festival de Cinema do Rio (2022). Também participou do projeto Ascendendo o Sol Black@ de formação para as(os) colaboradoras(es) negros(as) da Netflix Brasil. Faz palestras por todo Brasil dialogando sobre racismo, memória, ancestralidade, escrita, literatura negra e espiritualidade de matriz africana.

Contato:

www.instagram.com/atarepalavraterapia

https://www.facebook.com/atarepalavraterapia/

www.instagram.com/adandarasuburbana

E-mail: carolinarocha18@gmail.com